

VISÃO DO CORREIO

As lições do painel

Qualquer que seja o desfecho do episódio da violação do sigilo do painel eletrônico do Senado na votação da cassação do ex-senador Luiz Estevão, já ficaram dele algumas lições. Principalmente para os servidores públicos. Os funcionários comandados pela ex-diretora do Centro de Processamento de Dados do Senado (Prodasen) Regina Célia Pires Borges são a parte mais fraca no conluio que se formou para permitir que se tornasse conhecido o voto de cada senador naquela sessão.

A primeira lição que fica para os funcionários é que não há segredo que se guarde para a vida toda. O senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) falou demais na reunião com os procuradores da República e o delito acabou se tornando público. Ele disse que tinha a lista dos votos dos senadores no episódio da cassação de Luiz Estevão.

A segunda lição, ironicamente, pode ser resumida por uma frase dita pelo próprio Luiz Estevão no processo que levou à sua cassação: "A cor da sempre arrebenta do lado mais fraco". Regina e os funcionários que participaram da violação não dispõem da força política dos senadores. Assim, podem ficar em uma posição mais frágil no processo administrativo que respondem no Senado.

Com o episódio da violação do painel, os servidores públicos ficam sabendo que, numa sociedade democrática, fica muito mais difícil

manter os crimes impunes. Há uma cultura de subserviência no serviço público, principalmente entre aqueles que ocupam os cargos mais altos, as funções de confiança. Muitos funcionários fingem não ver irregularidades que são cometidas pelas autoridades que lhes são superiores. Não raro obedecem a ordens para descumprir normas e regulamentos, com medo de represálias.

Regina e seus funcionários confiaram no alcance da impunidade dos senadores que ordenavam que fosse cometida a irregularidade. Afinal, as ordens partiam do presidente do Senado e do líder do governo. Avaliaram mal. Não contaram que o país mudou e diminuiu sensivelmente a sua capacidade de tolerância com o ilícito.

A partir de agora, outros servidores pensarão dez vezes antes de aceitar cumprir uma ordem para cometer um ato irregular. E, com o desdobramento do processo, verificarão ainda uma última lição tirada do episódio: a vantagem de dizer a verdade e denunciar o desmando. O que se pode dizer em favor de Regina Borges advém das atitudes que tomou depois que admitiu a sua participação na violação do sigilo do painel. Caso tivesse se negado a cumprir a ordem que lhe foi dada, denunciando na época o que contou agora, Regina certamente estaria em posição muito mais confortável. Hoje, Regina sabe disso. E deixa essa lição para os demais servidores públicos, como ela.